

# XV

Encontro Brasileiro de Palácios,  
Museus-Casas e Casas Históricas

ARCA, Lucas Pennacchi

## MUSEUS BRASILEIROS E A AGENDA SUSTENTÁVEL

>Pontos de vista





**XV Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas – Museus Brasileiros e a Agenda Sustentável | Edição online | 04 e 05 de novembro de 2021**

O Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas completa 15 anos. Desde 2007, o evento reúne profissionais de diferentes áreas para debater temas relevantes para os museus, desde a categorização dessa tipologia de museus no Brasil, até temas mais atuais, acompanhando os contextos social, econômico e ambiental. Nesta 15ª edição, teremos como tema "Museus Brasileiros e a Agenda Sustentável", tema esse essencial para a preservação e sobrevivência dos museus em diálogo com a população que os visita.

Nossos Encontros trazem a tradição de convidar participantes de várias áreas do conhecimento, que possam incentivar e estimular os profissionais da Cultura a pensar soluções criativas e conjuntas para enfrentar os enormes desafios de hoje e para preparar o futuro. O objetivo central de continuarmos a realizar todos os anos é conhecer as transformações e realizações das práticas museológicas brasileiras, especialmente os palácios e os museus casas históricas, em diálogo com outros países.

Desse modo, o Encontro está estruturado em painéis de discussão apresentados por artistas, pesquisadores, profissionais de museus, representantes subnacionais da Cultura e das comunidades locais, inspirando a todos novas luzes.

Pretende-se abordar e incluir ações de sustentabilidade em museus, sob uma perspectiva interdisciplinar e multidimensional. Durante os dois dias, teremos participantes de estados brasileiros para enriquecer nossa conversa com suas experiências locais e de alguns outros países que nos inspirarão com suas ideias e suas particularidades culturais no âmbito internacional.

Esse Encontro tem o apoio do DEMHIST-ICOM, o comitê internacional para museus casas históricas, do ICOM-BR, o comitê brasileiro do Conselho Internacional dos Museus, e do Memorial da América Latina.

Uma novidade deste ano são as salas de debate que ao final de cada dia de programação estarão abertas aos participantes para uma troca mais direta e informal, em torno de temas correlatos às apresentações do dia, tendo como eixo a preservação dos espaços de memória sob a ótica de questões sustentáveis. Esperamos que o XV Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas possa situar os desafios e discutir as boas práticas dessas instituições no universo da sustentabilidade, além de contribuir para a concretização dos objetivos da agenda 2030 da ONU, e para a criação de um futuro melhor para todos.

**Membro do Comitê Internacional para Museus-Casas Históricas do Conselho Internacional de Museus – DEMHIST-ICOM; mestra e doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP; pós-graduação em Gestão e Turismo Cultural pela Universidade de Barcelona; especialização em História da Arte Decorativa pela Christie's Education, Nova York. Pesquisadora e escritora de várias publicações e textos sobre Patrimônio, Curadoria e Arte; curadora do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, desde 2007.**

---

# CAITLIN SOUTHWICK

Em 2019, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) publicou uma resolução em apoio à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) e as metas para o desenvolvimento sustentável. Enquanto organização, o ICOM reconhece a importância de um futuro sustentável e o papel crucial que os museus e os profissionais da cultura possuem em evidenciar a importância da Agenda, e em se tornarem líderes e defensores da sustentabilidade em nossas comunidade e nosso público. Museus não são mais lugares do passado – e o Brasil está liderando o caminho em transformar o papel dos museus para focar no futuro; um brilhante exemplo é o Museu do Amanhã. A nova definição de museus do ICOM deverá elencar sustentabilidade como base para o futuro do nosso planeta, das nossas espécies e da nossa profissão.

Como instituições culturais, temos um papel único na defesa da sustentabilidade. Como institutos confiáveis de conhecimento e aprendizagem, possuímos a confiança do público e podemos comunicar de forma efetiva à nossa audiência o significado de sustentabilidade. Mas isso também significa que devemos praticar o que pregamos. E algumas vezes agir em prol da sustentabilidade pode parecer intimidador e estupefaciente.

Para de fato sermos atores em prol da sustentabilidade, precisamos garantir que não estamos greenhushing (omitindo nossas ações por medo de repercussão negativa) – e que estamos publicizando nossos feitos e sendo transparentes acerca de nossas ações e nosso papel. Devemos estar abertos para discutir soluções e cocriações. Não podemos mais nos esconder atrás de nossas coleções e nossos edifícios – devemos assumir um papel ativo. Isso muitas vezes significa procurar ajuda e apoio. Sustentabilidade não é algo para conquistarmos sozinhos. Cada pessoa possui um papel para desempenhar, e como profissionais da cultura, temos a responsabilidade de ajudar uns aos outros buscando parcerias e trabalhando juntos. Sustentabilidade é um tema global e requer uma solução global. E nossa rede internacional de museus e espaços culturais será a chave em fornecer os espaços e as soluções para um futuro sustentável.



**Caitlin Southwick é a fundadora e diretora executiva do Ki Culture e Sustentabilidade na Conservação (SiC – Sustainability in Conservation) e também secretária do grupo de trabalho de Sustentabilidade do Conselho Internacional de Museus (ICOM WSG – Working Group on Sustainability). Doutora em Conservação e Restauro do Patrimônio Cultural pela Universidade de Amsterdã, trabalhou na área da conservação por oito anos em diversos museus e instituições pelo mundo.**

---

---

# ROSARIA ONO

Gostaria de agradecer à Curadoria do Acervo Artístico-Cultural de Palácios do Governo do Estado de São Paulo por proporcionar esta oportunidade de participar, com um pequeno depoimento, neste painel sobre "parcerias para ações sustentáveis", trazendo como objeto o projeto de restauro, modernização e ampliação do edifício do Museu do Ipiranga.

Esse museu faz parte do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, juntamente com o Museu Republicano Convenção de Itu, sendo fiel depositário de um importante e diversificado acervo histórico da cultura material, além de ser responsável pela preservação de dois edifícios tombados nas três esferas de governo.

O projeto em andamento, intitulado Novo Museu do Ipiranga, é o maior projeto cultural em execução com uso de verbas incentivada e não incentivada no país, chegando ao total de mais de 200 milhões de reais, em valores atuais. Este só é superado pelo projeto de recuperação do Museu Nacional da UFRJ. A Universidade de São Paulo, em parceria com a FUSP -Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, e apoio do governo estadual, conta com o patrocínio de mais 15 instituições e empresas, empreendendo uma grande transformação a este museu universitário e seu entorno, para que o Museu do Ipiranga, situado no interior do Parque da Independência, seja reaberto ao público no Bicentenário da Independência, em setembro de 2022. Além do completo restauro da edificação histórica, o Museu terá uma nova área de apoio, para acolhimento e exposições temporárias, auditório, salas de aula e educateca, cafeteria e loja, dobrando sua área total original de 6 mil para 12 mil metros quadrados.

O projeto garante acessibilidade a todos os espaços do Museu e maior conforto e segurança na circulação dos visitantes. O edifício receberá 12 exposições, cujo projeto expográfico está em execução, e a equipe do Museu está coordenando a preparação dos cerca de 3.500 itens de acervo que serão expostos. As exposições contarão com vários recursos de acessibilidade, pois se pretende atender à maior diversidade de público possível.

Para além da reabertura do Museu, a Universidade também vem trabalhando para estruturar uma nova forma de gestão, onde se garanta a sustentabilidade financeira do Novo Museu do Ipiranga. Assim, para além das verbas orçamentárias da Universidade, contar-se-á com a constituição de uma instituição privada, para uma gestão em parceria e com recursos da iniciativa privada, oriundas de captações por meio de leis de incentivo e doações, dando maior agilidade e flexibilidade na gestão desse novo e moderno equipamento.

Tudo isso só foi possível, graças ao entendimento da atual gestão da Universidade de São Paulo, da necessidade de captação de recursos externos para que o projeto Novo Museu do Ipiranga se tornasse realidade. Ressalto, aqui, a importância cada vez maior das parcerias, para que os Museus públicos possam, cada vez mais, serem locais de diversidade e inclusão, considerando que essa responsabilidade não cabe somente às instituições públicas e que toda a sociedade precisa participar desse movimento, de acesso à cultura e à educação para todos.



**Atual diretora do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (2020-2024). Formada em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP, tem mestrado em Engenharia pela Universidade de Nagoya (Japão) e doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAUUSP. Atuou como pesquisadora no Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT) de 1991 a 2003. É professora titular do Departamento de Tecnologia da Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP desde 2003. Tem experiência na área de Tecnologia da Arquitetura, com ênfase em Segurança Contra Incêndio e Avaliação Pós-Ocupação, atuando principalmente nos temas da avaliação de desempenho, segurança e acessibilidade do ambiente construído.**

---

# RUBENS BARBOSA

## A CULTURA E A AGENDA 2030

Em setembro de 2015, os 193 países membros das Nações Unidas adotaram uma nova política global: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, que tem como objetivo elevar o desenvolvimento do mundo e melhorar a qualidade de vida de todas as pessoas. O lema é não deixar ninguém para trás.

Para tanto, foram estabelecidos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) com 169 metas – a serem alcançadas por meio de uma ação conjunta que agrega diferentes níveis de governo, organizações, empresas e a sociedade como um todo nos âmbitos internacional e nacional e também local.

Essa agenda está pautada em cinco áreas de importância (ou chamados 5 Ps): pessoas, prosperidade, paz, planeta, parcerias.

Os 17 ODS envolvem temáticas diversificadas como erradicação da pobreza, segurança alimentar e agricultura, saúde, educação, igualdade de gênero, redução das desigualdades, energia, água e saneamento, padrões sustentáveis de produção e de consumo, mudança do clima, cidades sustentáveis, proteção e uso sustentável dos oceanos e dos ecossistemas terrestres, crescimento econômico inclusivo, infraestrutura e industrialização, governança, e meios de implementação até 2030.

A Agenda 2030 traz uma mudança conceitual: dividida em três partes – econômica, social e ambiental – pela primeira vez se associa a cultura ao desenvolvimento sustentável, transversal esta aos três pilares.

Salvaguarda e promoção da cultura, patrimônio cultural e criatividade passam a ter importância, porém ainda guardam um lugar periférico na Agenda. O marco da ação para a Agenda 2030 não reconhece adequadamente a contribuição importante da cultura na implantação dos ODS para o desenvolvimento sustentável.

A importância da cultura é materializada por meio de projetos culturais e cada região possui suas particularidades. O grande desafio é associarmos os princípios da Agenda 2030 aos projetos culturais, usando a diversidade cultural como ferramenta na luta contra a desigualdade e a intolerância.

Alguns exemplos são:

- proteção e salvaguarda do patrimônio cultural e material – geração de empregos; criatividade e inovação;
- preservação da cultura indígena – colaboração com os três pilares;
- manifestações artísticas relacionadas à Amazônia: fotos, exposições;
- Frevo – Paço do Frevo (museu) – preservação do patrimônio cultural, impacto econômico e social; igualdade de gênero, ativismo político e ambiental;
- preservação de imóveis de patrimônio cultural; bibliotecas, livros e museus;

Acessibilidade:

- assegurar a educação inclusiva;
- alcançar a igualdade de gênero;
- tornar as cidades e assentamentos humanos inclusivos;
- redução da violência, da pobreza e fome.

Que a Agenda 2030 nos auxilie a construir novos caminhos para o desenvolvimento de políticas e programas culturais atuando na perspectiva de um mundo inclusivo, acessível e sustentável.



**O embaixador Rubens Barbosa é membro do conselho de empresas e trabalha como consultor de negócios. Dentre outros cargos atuais, é presidente do Conselho Superior de Comércio Exterior da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), presidente da Associação Brasileira da Indústria de Trigo (ABITRIGO), presidente e fundador do Instituto de Relações Internacionais e Comércio Exterior (IRICE), presidente do Centro de Defesa e Segurança Nacional (CEDESEN) e editor responsável da Revista Interesse Nacional. Embaixador do Brasil em Londres (1994 - 1999) e em Washington (1999 - 2004).**

---

# ANA CARLA FONSECA

## A Perspectiva interdisciplinar e multidimensional da sustentabilidade nos museus

Diante dos desafios e das oportunidades que a fase pós-pandêmica nos apresenta, debater a interdisciplinaridade dos museus requer trazer à questão o próprio conceito de sustentabilidade. Do meio ambiente aos negócios, vários profissionais, aos quais me somo, entendem que a sustentabilidade, no sentido de atividades com impacto zero, abstendo-se portanto de tolher às futuras gerações os ativos usufruídos pelas atuais, não é mais suficiente: caberia, agora, gerar impacto positivo, ou seja, regenerar o que já foi excessivamente desgastado. Para tanto, requer-se inovar as leituras de contexto, em uma abordagem propositiva, ativa e premente.

A discussão converge para a necessidade fundamental e persistente de reconhecermos os múltiplos impactos derivados da atuação das instituições museais, para além dos mais evidentes e precípuos, culturais, sociais, cidadãos e educativos, inerentes à sua razão de ser. Nesta breve intervenção serão elencadas e ilustradas, a partir de casos práticos, cinco dimensões de impactos dos museus: econômico; de nutrição, retenção e atração de talentos; de formação da imagem do território, de sua identidade e de demais atributos e valores categorizados aqui como difusos; de constituição de um laboratório vivo de inovações; e de promoção do bem-estar mental e emocional dos cidadãos.



**Doutora em Urbanismo, com a primeira tese no Brasil sobre cidades criativas (USP), mestre em administração (USP), administradora pública (FGV) e economista (USP). É consultora e conferencista em mais de 230 cidades, de 32 países. Autora premiada, preside a Garimpo de Soluções, empresa pioneira em entrelaçar cultura, negócios e desenvolvimento territorial, para a ONU, o BID e mais de 250 instituições e empresas.**

---

# JUREMA SECKLER

A participação no Grupo de Consultoria Parreiras Horta que, no momento, pensa a renovação museológica e museográfica do Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty do Rio de Janeiro, dentro do Projeto de conservação, restauração e gestão do complexo arquitetônico e dos acervos do MRE no Rio de Janeiro, me oferece uma oportunidade única que é refletir sobre o que seria um museu sustentável diante das imensas mudanças ocorridas no cenário mundial. Se antes pensávamos no museu e nos cenários futuros que ele poderia vir a enfrentar, os últimos acontecimentos fizeram com que este futuro se apresentasse agora no centro da sala nos encarando.

Como fazer com que nossos museus atendam as diretrizes de uma instituição sustentável considerando as dimensões econômica, social e ambiental?

Pensar é fácil, como diz o ditado. Podemos imaginar nosso museu com uma gestão participativa que vença a dependência de verbas públicas e que se lance no mundo corporativo com a certeza de que possui um atraente produto a ser oferecido. Que, antes de tudo, pense em si próprio como modelo sustentável e dê conta da eficiência na gestão hídrica, energética e uso dos diversos materiais. Que tenha uma estrutura organizacional que contemple os diversos setores de um museu e as necessidades de recursos humanos: museólogos, conservadores, arquitetos, educadores e outros, entendendo que um museu se faz com uma equipe interdisciplinar. E que otimize estes talentos oferecendo a oportunidade de repensar práticas, numa capacitação constante e inovadora. Que busque conexão constante com seu público. Que antes de tudo o conheça e com ele estabeleça uma relação de sentido para que saia do museu "melhor" do que entrou. Que ele possa viver no museu uma experiência tal que o leve a refletir em sua vida, ajudando-o a entender o mundo que o cerca e sua própria existência.

E que seja um museu acolhedor, respeitando as legislações de direitos humanos, a acessibilidade em todas as formas, oferecendo exposições "acolhedoras" que alcancem todos os segmentos da sociedade.

Que seus trabalhadores vençam preconceitos e limitações e se lancem neste mundo virtual, certos de que esta "realidade paralela" chegou para ficar e que precisamos nos reciclar para garantir que estaremos conectados, utilizando todas as mídias ao nosso alcance. Que trabalhemos em rede, em compartilhamento, em parceria e cooperação com as outras instituições.

Mas é bem verdade que a realidade que vivenciamos agora apresenta muitos riscos para os museus. Verbas que escasseiam, recursos humanos cada vez mais limitados, diminuição de uma visão de relevância.

No entanto, nós que amamos e cuidamos dos museus, devemos ter em mente que a cultura é um bem valioso.

Em nosso museu, temos um tesouro precioso que é o nosso acervo. Se por um lado devemos nos conectar com este novo mundo virtual penso, no entanto, que devemos voltar "às origens". Consideramos o acervo o coração do museu. O Museu é um organismo vivo que depende de seu coração. E ele tem que estar saudável, pulsante. Devemos tratar nossos acervos com todas as técnicas ao nosso alcance: a conservação preventiva, o processamento da documentação, as políticas de acervo que o protegem, a preservação digital que vai possibilitar o rápido acesso. Mas principalmente a pesquisa. É ela que vai garantir a produção do conhecimento relevante. Que vai garantir o diferencial diante da concorrência. E a possibilidade de museografias criativas, inovadoras, atraindo público e investimentos. E o desenvolvimento sustentável a longo prazo. É este tesouro que temos na mão para encantar. Precisamos cuidar do nosso coração.



**Museóloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais pelo CECOR da Escola de Belas Artes da Universidade de Minas Gerais. Dirigiu o Museu Casa de Rui Barbosa de 2003 a 2020 e atualmente participa do Grupo de Consultoria Parreiras Horta no projeto de restauração e revitalização do Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty no Rio de Janeiro.**

---

# ANGÉLICA FABBRI

O Museu Casa de Portinari tem implantado, desde 2017 até a presente data, o seu Plano de Sustentabilidade Ambiental, buscando assegurar que as operações do museu reflitam sua missão de preservação e comunicação de objetos patrimoniais dentro das necessidades de sustentabilidade ambiental. Entretanto, ao longo de sua execução, o plano passou a contemplar as outras frentes da Sustentabilidade que dialogam entre si.

O plano é compreendido como parte de todos os programas da instituição, desenvolvido de forma transversal e nunca como um conjunto isolado de ações.

Tem como visão que o Museu Casa de Portinari, por meio de ações de sustentabilidade ambiental, pretende reduzir os impactos ambientais de suas atividades e assegurar para a comunidade sua parceria e exemplo no bom uso dos recursos naturais, estando estruturado em objetivos, compromissos e ações.

Os objetivos do plano, que suportam essa visão e que indicam temas concatenados, compreendem:

- 1- Proteger as funções ecológicas, a biodiversidade e as condições ambientais da vizinhança;
- 2- reduzir a emissão de gases de efeito estufa;
- 3- economizar o uso de água, energia elétrica e combustíveis;
- 4- reduzir o consumo de materiais e a produção de resíduos;
- 5- evitar a poluição do ar, água e solo;
- 6- minimizar danos ambientais da cadeia produtiva de materiais e serviços adquiridos;
- 7- informar a comunidade sobre ações de sustentabilidade ambiental.

Ainda, o Museu Casa de Portinari estabeleceu uma política institucional, ou seja, um conjunto de compromissos para o alcance dos objetivos.

No plano, os 7 objetivos são tanto gerais quanto com fins específicos a atingir, pois contemplam medidas (15 indicadores quantitativos ou qualitativos) que permitem conhecer situações presentes e estabelecer situações pretendidas periodicamente. Cada objetivo envolve uma série de iniciativas ou ações que levarão ao seu alcance, incluindo, onde cabível, a ação de análise de mensurações para quantificar a redução de impacto ambiental pretendida.



Museóloga, pós-graduada em Museologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESP/SP, mestrado profissional (MBA) em Bens Culturais: Cultura, Economia e Gestão pela FGV-SP, especialista em Arte Educação e Museu pela ECA-USP. Presidente do COREM 4R por 2 mandatos (2005/2006) e vice-presidente por 2 mandatos (2009/2010). Filiada ao ICOM desde 1986 e, atualmente, é membro do Conselho Fiscal do ICOM Brasil. Atua na área museológica desde 1984, ininterruptamente, até a presente data. Desde 2009, é diretora executiva da ACAM Portinari - Organização Social de Cultura, gestora do Museu Casa de Portinari em Brodowski/SP, do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre em Tupã/SP, do Museu Felícia Leirner e Auditório Claudio Santoro em Campos do Jordão/SP, e nas ações de apoio ao SISEM-SP.

---